

A IDEALIZAÇÃO DA CIDADE: MOCOCA NO ÁLBUM “IL BRASILE E GLI ITALIANI”

THE IDEALIZATION OF THE CITY: MOCOCA IN THE ALBUM “IL BRASILE E GLI ITALIANI”

Higina Teixeira MARQUES*

Resumo: Neste artigo, buscaremos uma possibilidade de análise das páginas dedicadas à cidade de Mococa no álbum *Il Brasile e gli italiani*, de 1906, no intuito de elaborar uma síntese das imagens que a representam, as intencionalidades de suas escolhas e as relações entre os textos e imagens. Além de encantar e ilustrar, as imagens fotográficas trazem também as marcas culturais do momento em que foram produzidas, fortalecendo a memória do que foi registrado e deveria ser lembrado ao longo do tempo. Acreditamos que as referidas imagens nos servem como meio de aproximação da noção de cidade compartilhada no período, pelas elites locais, ao mesmo tempo em que revelam a importância da visualização para se perceber/vivenciar a cidade.

Palavras-chave: álbum; fotografia; cidades do café; Mococa (SP).

Abstract: In this article, we will seek an opportunity to analyze the pages dedicated to the city of Mococa in the album *Il Brasile and gli italiani*, 1906, in order to develop a synthesis of images that represent the intentions of their choices and the relationships between the texts and images. In addition to enchant and illustrate, the photographic images also bring the cultural marks of the moment in which they were produced, strengthening the memory of what was recorded and should be remembered over time. We believe that these images are used as a means of bringing the concept of shared city in the period, by the local elite, at the same time that they reveal the importance of viewing to perceive/experience the city.

Keywords: album; photography; cities of coffee; Mococa (SP).

“O papel cultural das imagens é decisivo, assim como decisivas são as palavras”.¹

O grande poder de informação da imagem e seu alcance foram multiplicados com a introdução da fotografia no mundo das imagens impressas ao longo da segunda metade do século XIX, na Europa, extrapolando, assim, sua função meramente ilustrativa. Texto e imagem se aliavam, expandindo a capacidade de conhecimento visual e revolucionando a nossa maneira de compreender. O alinhamento de texto e imagem nas mídias impressas anunciava, ainda, uma nova forma de elaboração do discurso hegemônico, onde discursos imagéticos e textuais entravam em consonância para conformarem os discursos ideológicos ligados aos mais variados projetos políticos (BARTHES, 1984).

* Doutoranda – Programa de Pós-graduação em História - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais - UNESP - Univ. Estadual Paulista, Campus de Franca. Franca, SP - Brasil. Bolsista CNPq. E-mail: higinamarques@hotmail.com.

No Brasil, a inexistência de mão-de-obra qualificada na arte tipográfica retardava a difusão de publicações nacionais que aliassem texto e imagem. Somente a partir dos anos 1860, a fotografia passa a ser assimilada e consumida frequentemente pelas elites (ANDRADE, 2005). Desde os primeiros periódicos ilustrados, passando pelas revistas, e pela febre dos almanaques e álbuns fotográficos, as imagens tinham a função de retratar lugares e pessoas e também os acontecimentos, criando uma narrativa visual dos fatos. Encomendados por membros do governo ou por empresários, os álbuns reuniam grande número de imagens, textos informativos e até publicitários de determinada cidade, estado ou mesmo de todo o país e eram destinados ao público em geral ou a setores industriais, comerciais e viajantes.

A produção de álbuns fotográficos, fartamente recheados de imagens previamente selecionadas para impressionar, foi uma estratégia utilizada no Brasil desde o final do Império, quando o barão do rio Branco dedicou-se à produção do *Album de vues du Brésil* (anexo ao livro *Le Brésil*) publicado na ocasião da Exposição Universal de Paris em 1889, com o objetivo de mostrar a fisionomia das principais cidades brasileiras no período. O grande desafio, na verdade, era desfazer a imagem de atraso social que acompanhava o Brasil ao longo do século XIX, associando as transformações urbanas em curso aos ideais de civilização e progresso difundidos a partir da Europa (ANDRADE, 2005).

Embalados pelo mesmo espírito, os governantes das “cidades do café” no interior paulista, durante a Primeira República, não pouparam esforços para editar as publicações (álbuns fotográficos e almanaques) que reescreviam as histórias dessas localidades, tendo como foco a modernização do cenário urbano a partir de suas iniciativas. Ali os ideais e experiências do tempo presente articulavam-se aos discursos e mitos fundadores do passado (DOIN et al., 2009, p.129-148).

Nesse trabalho buscaremos analisar as páginas dedicadas à cidade de Mococa² no álbum *Il Brasile e gli italiani* de 1906, publicado pelo jornal da colônia italiana de São Paulo, *Fanfulla*, no intuito de elaborar uma síntese das imagens que a representam, as intencionalidades de suas escolhas e as relações entre os textos e imagens. A publicação da *Fanfulla* impressa em tipografia localizada em Gênova, na Itália é uma extensa obra (1.187 páginas) com textos e grande número de imagens que destacam, em tom heroico, as realizações dos imigrantes italianos em diversas regiões do Brasil. Ali estão reunidas informações sobre a geografia, o clima, o número de habitantes, detalhes da infraestrutura urbana, serviços públicos, atividades comerciais e industriais e pequenas biografias de “homens notáveis”, como grandes fazendeiros do café e políticos (*Il Brasile e gli italiani*, 1906).

Ao apresentar a obra, o diretor da Fanfulla diz que seu objetivo principal é discorrer sobre a atuação do imigrante italiano no Brasil, bem como melhorar a relação entre italianos e brasileiros. O curioso é que segundo ele, isso será feito não com um volume de “discussão”, de “crítica” ou de “doutrina”, mas com uma “coleta de documentos”. A proposta seria fugir de um livro “árido” que poucas pessoas leriam. Para ser lido e entendido por muitos, apresentava, então, uma série de “monografias concisas e planas”, dados estatísticos e “grande número de ilustrações”. Em dois momentos as fotografias são mencionadas como evidências do que está sendo dito (*Il Brasile e gli italiani*, 1906).

A cultura cafeeira aparece como o motor da economia nacional: todo o capítulo XII *Il caffè-produzione e consumo- Esportazione* e o capítulo XIII *La fazenda- lavita dei campi* são dedicados ao café, além de citações pontuais em diversos momentos da obra. No capítulo específico sobre as zonas produtoras do antigo oeste do estado de São Paulo (cap. XXIII), as imagens urbanas e dos beneméritos são amplamente utilizadas. Ali as fotografias parecem traduzir os anseios de perpetuar os feitos desses homens e estão em todas as páginas em tamanhos variados, revelando minuciosos aspectos da vida material, como estilos arquitetônicos, indumentária, elementos de infraestrutura urbana, equipamentos de produção utilizados nas fazendas, etc.

Mococa é retratada como uma cidade adiantada e hospitaleira, destino escolhido por centenas de imigrantes italianos e perfeita para aqueles que desejavam começar vida nova no embalo da onda verde³. Essa publicação, caprichosamente editada, pode ter servido como excelente propaganda do Brasil no exterior, antes das campanhas da Fanfulla contra a imigração nos anos 20, devido às condições degradantes em que se encontravam os imigrantes que aqui aportaram. Adquirida por imigrantes e seus descendentes aqui no Brasil, pode ter reforçado a crença em uma era de progresso linear e irreversível.

Devemos salientar, ainda, que as imagens editadas em álbuns ou postais eram publicadas posteriormente em revistas, almanaques, livros, etc., alcançando um alto grau de circulação e diferentes formas de consumo (LIMA, 1998). Além de encantar e ilustrar, as imagens fotográficas trazem também as marcas culturais do momento em que foram produzidas, fortalecendo a memória do que foi registrado e deveria ser lembrado ao longo do tempo.

Folheando o álbum

O estudo do conjunto de imagens que compõem o álbum levou a observação de uma espécie de padrão de arranjos das mesmas que se repete de forma aleatória em toda a obra: página com uma foto (ocupando todo o espaço), com legenda e sem texto; página com duas fotos (ocupando meia página cada), com legenda e sem texto; página com duas fotos centralizadas, com legenda e texto ao redor; página com duas a cinco fotos relacionadas ao mesmo assunto; página com duas ou quatro fotos, separadas por margem, relacionadas a assuntos diferentes. A grande maioria das imagens é emoldurada e decorada com ramos de café ou motivos florais.

Quanto à origem das imagens, acreditamos que o acervo referente a Mococa foi composto por algumas fotografias preexistentes e outras que podem ter sido destinadas ao álbum, pois há um espaço de tempo entre elas, evidenciado pela presença de algumas edificações e infraestrutura retratadas⁴. Somente duas imagens possuem autoria: as iniciais DB, que acreditamos ser do fotógrafo Delphino Bonora, um dos fotógrafos profissionais que atuava na cidade por volta de 1910. São essas imagens de origens diferentes que pretendem formar uma espécie de painel da cidade.

A inserção dessas fotografias em um veículo que pretendia servir de referência para brasileiros e italianos nos leva a refletir também sobre o processo editorial, especificamente sobre as influências político-ideológicas e interesses comerciais que motivaram a escolha das imagens. Não foi possível localizar informações sobre a tiragem impressa do álbum analisado, bem como sobre sua distribuição e circulação. As questões referentes a circulação e fruição da obra analisada, de extrema importância para uma análise mais detalhada sobre o perfil do público leitor da época, ficam, até o momento, comprometidas. Uma pequena nota após a introdução lembra que o livro não é fruto de um trabalho individual e que contou com a colaboração “desinteressada” dos membros do jornal *Fanfulla*, “políticos eminentes do Brasil” e “queridos compatriotas”.

A primeira menção à cidade de Mococa ocorre já no capítulo XIII e pode nos dar uma pista sobre essas influências; a página 473 é toda dedicada ao coronel Francisco Garcia de Figueiredo, grande fazendeiro e presidente do diretório político do Partido Republicano na cidade. As fotografias retratam o coronel e três fazendas de sua propriedade. O texto destaca o poder econômico e influência política do coronel, detalhando as características de suas propriedades (extensão, número de pés de café e cabeças de gado, maquinário e demais instalações) e as grandes somas depositadas em bancos, associando as fazendas à dinâmica capitalista. Notamos ainda a preocupação em destacar a caridade como uma grande qualidade desse homem, reforçando a fama de beneméritos desses coronéis (*Il Brasile e gli italiani*, 1906).

Desse conjunto de imagens, focaremos aquelas que representam o espaço urbano de Mococa, por ser este o grupo mais numeroso. Acreditamos ser esse um forte indício de que tais imagens estavam associadas ao desejo de propagandar o processo de urbanização em curso, ao mesmo tempo em que abriam possibilidades de leitura e entendimento do espaço urbano a partir de seus padrões⁵.

Metodologia de análise das imagens

Embora a série de imagens aqui analisadas não seja extensa, buscamos realizar um estudo do conjunto referente à Mococa tendo em mente que estas fazem parte de um conjunto maior (o álbum), sempre estabelecendo relações entre ambos.

A série é composta por 26 imagens do centro urbano e de algumas fazendas de Mococa. Nessa investigação preliminar, além da análise do conjunto de imagens e textos, proponho uma análise individualizada de cada imagem. A análise de fontes visuais pressupõe a diferenciação entre forma (escolhas técnicas e estéticas feitas pelo fotógrafo) e conteúdo (motivos fotografados). No caso desse estudo, em que o foco é a cidade criada no embalo da cultura cafeeira, acreditamos que o método dos descritores icônicos e formais se mostra mais adequado para o mapeamento das características visuais observadas nas fotografias. A metodologia para esta etapa do trabalho exigiu a elaboração de uma grade de interpretação onde os atributos de cada imagem pudessem ser identificados e relacionados ao contexto histórico em análise.

Em seu estudo dos álbuns fotográficos de Porto Alegre, editados nas décadas de 1920 e 1930, Zita Rosane Possamai esclarece:

A análise dos atributos icônicos para o historiador tem como pré-requisito o conhecimento do objeto de investigação, seja este a cidade, as personalidades, os acontecimentos, enquanto a análise dos atributos formais necessita das informações sobre a própria história da fotografia, no que se refere à evolução dos procedimentos técnicos do ato fotográfico e das possibilidades tecnológicas disponíveis ao fotógrafo no momento em que ele está captando as imagens (2008).

Um primeiro estudo do conjunto de imagens disponíveis permitiu, então, a elaboração das seguintes tabelas:

Tabela 1: Descritores icônicos

Localização	Mococa/área rural, Mococa/centro, Mococa/bairro
Tipologia urbana	Rua, esquina
Abrangência Espacial	Vista panorâmica, vista parcial, vista pontual, vista interna
Acidentes Naturais/Vegetação	Cafezais, árvores
Infraestrutura/Paisagismo	Jardim público
Estruturas/Funções Arquiteturais	Edificação residencial/comercia/industrial, edificação rural, edificação pública
Elementos Móveis/maquinário	Máquinas de beneficiar café
Elementos Móveis/Personagens	Políticos/fazendeiros, comerciantes, agremiações de imigrantes, trabalhadores, transeuntes

Tabela 2: Descritores formais

Tamanho da foto	Pequena (aproximadamente 1/8 da página), média (aproximadamente 1/4 da página) e grande (metade da página)
Formato da foto	Retangular, quadrado, oval
Enquadramento	Câmera alta ponto de vista ascensional, ponto de vista central, ponto de vista descensional, ponto de vista diagonal
Tipo da foto	Posada ou instantânea
Suporte da foto	Texto escrito com título, fotografia e legenda, fotografia avulsa com legenda

O mapeamento das características das imagens permitiu organizá-las a partir de seus atributos formais e dos motivos fotografados. Os resultados obtidos através dessa organização serão descritos mais adiante. A quantificação dos atributos icônicos e formais nos permite afirmar que grande parte das imagens referentes a Mococa representa edificações e ruas, totalizando 61,5%. Os motivos fotografados se concentram na região central da cidade, palco privilegiado das reformas urbanas em andamento a partir dos anos 1890.

As vistas pontuais e parciais compõem a grande maioria das imagens. Notamos uma pequena prevalência das vistas parciais, onde o fotógrafo se distancia da cena a ser retratada, posicionando-se em um local mais alto (como uma janela ou sacada) para utilizar o recurso da câmara alta. As tomadas de ruas e esquinas permitem a visualização das edificações e do traçado das ruas, bem como de outros elementos como postes,

transeuntes, carroças e jardim. Já as vistas pontuais, com tomadas que isolam o motivo principal, se referem as edificações retratadas em sua totalidade e, muitas vezes, supervalorizadas, como no caso da prisão, do hotel Terraço e do banco, bem como de algumas casas comerciais.

Os pontos de vista central e diagonal foram os mais utilizados. Os formatos das fotografias variam entre o quadrado e o retângulo e o suporte das fotos são texto escrito com título, fotografia e legenda, para a maioria dos casos e fotografia avulsa com legenda. As fotos pequenas (aproximadamente 1/8 da página) aparecem com mais frequência, seguidas das fotografias que ocupam metade da página.

Quanto às estruturas/funções arquiteturais, as edificações comerciais de baixa altura aparecem em maior número, seguidas por edificações públicas. As edificações residenciais aparecem em apenas duas fotografias (um panorama e uma tomada da rua), fato que chamou a atenção, pois, em outros registros, encontramos várias imagens das luxuosas residências dos homens do café construídas no entorno da chamada Praça da Matriz.

Notamos a presença de pessoas na maioria das fotos; homens e crianças, posando à frente dos edifícios ou no interior das casas comerciais. A figura feminina não aparece em nenhuma fotografia.

A cidade em foco – Possibilidades de apropriação das imagens

Os símbolos do progresso privilegiados nas imagens, como edifícios, casas comerciais, ruas calçadas e iluminação elétrica nos levaram a agrupar esse conjunto de fotografias como um grupo temático que tem como foco a cidade que se pretende moderna em (re) construção.

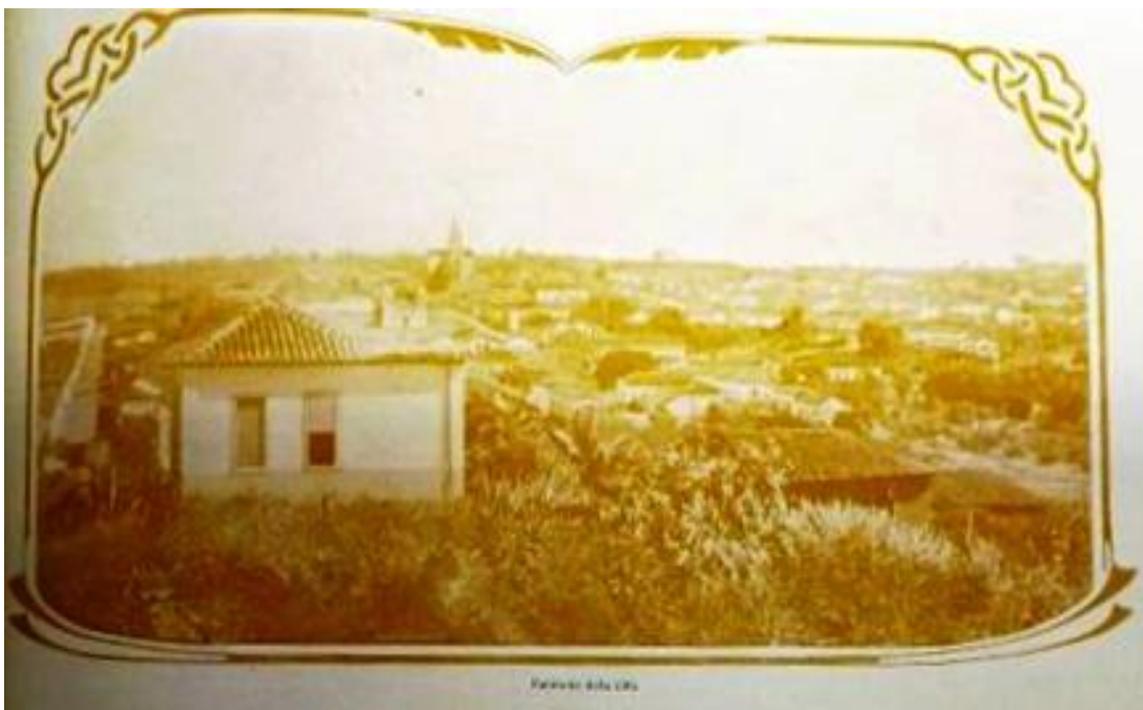
Nesse momento em que a técnica é vista como uma ferramenta infalível para se construir um mundo “superior”, encobrendo as consequências sócio-políticas dela decorrentes, as fotografias passam a ser utilizadas também pelo poder público local, principalmente em jornais, como um instrumento de representação das mudanças efetuadas. Mais do que meras ilustrações sobre a modernização, as referidas imagens nos servem como meio de aproximação da noção de cidade compartilhada no período, pelas elites locais, e da importância da visualização para se perceber a cidade.

Como nos ensina o professor Meneses, este tipo de representação urbana contribuía para o desenvolvimento de um padrão de leitura da “categoria cidade”. E um observador da cidade, com o olho “adestrado” para este tipo de assunto, surgia nesse ambiente

(MENESES,1996, p.144-155). As legendas, que acompanham todas as fotografias, funcionam como mais um instrumento para decifrar essa linguagem visual, uma vez que procuram destacar tudo o que era de interesse dos editores.

Com exceção do panorama de Mococa publicado no álbum, onde o traçado da cidade aparece ainda tímido, é a região central que tem destaque e serve de referência para criar/reforçar padrões que comporiam o imaginário urbano local, como podemos observar a seguir.

Foto 1: Panorama da cidade

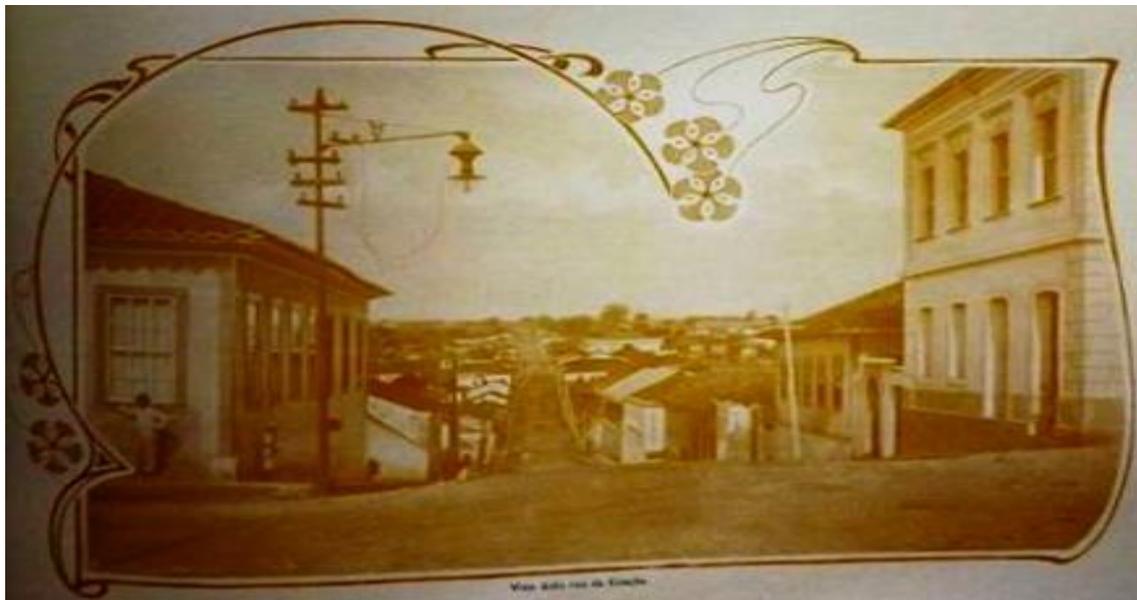


Fonte: “*Il Brasile e gli italiani*”. Acervo Museu Histórico e Pedagógico “Marquês de Três Rios” (Legenda original).

Percebemos nesse grupo de fotografias a difusão de alguns ícones associados ao padrão de cidade idealizada pelas elites locais em sintonia com os grandes projetos de remodelação urbana vigentes na Primeira República (PESAVENTO, 1999): o estilo arquitetônico art-nouveau dos prédios públicos, como a Câmara Municipal retratada na fotografia 5, ou a “suntuosidade” da Igreja Matriz e de seu jardim geométrico, construídos em 1896, retratados na fotografia 3. No caso da fotografia da Igreja Matriz, a moldura e a diagramação do texto acompanham o formato do prédio, destacando a altura da torre e criando uma falsa sensação de monumentalidade. A modernização dos serviços públicos, como transporte ferroviário, iluminação elétrica, sugeridos na fotografia 2; o Mercado

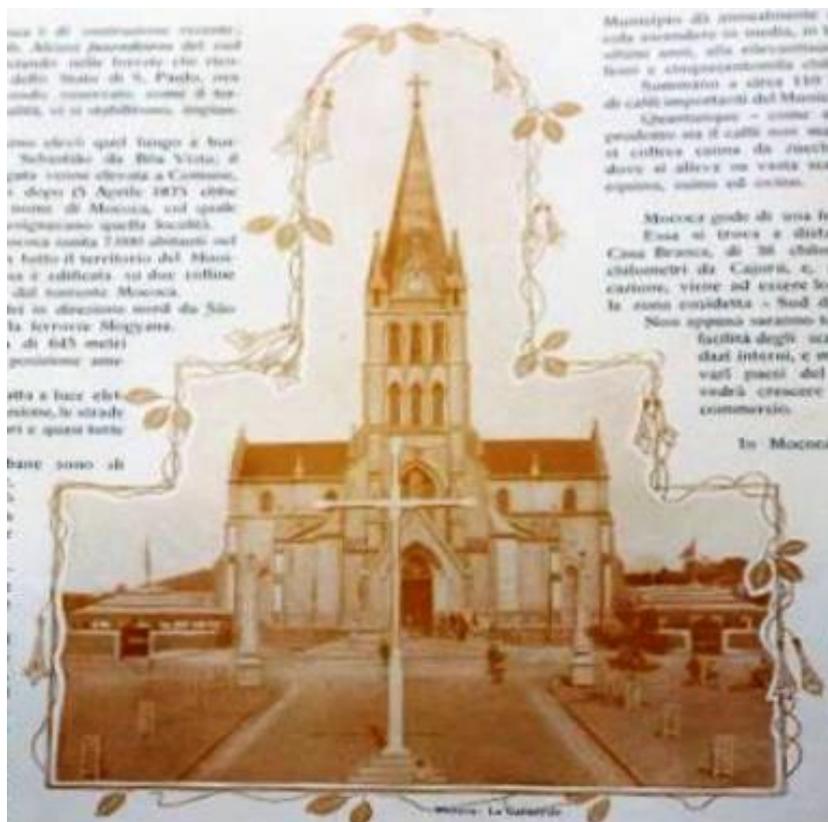
Municipal, fotografia 6 e a prisão, fotografia 4, ambos de acordo com os padrões higienistas em voga no período.

Foto 2: Vista da rua da Estação



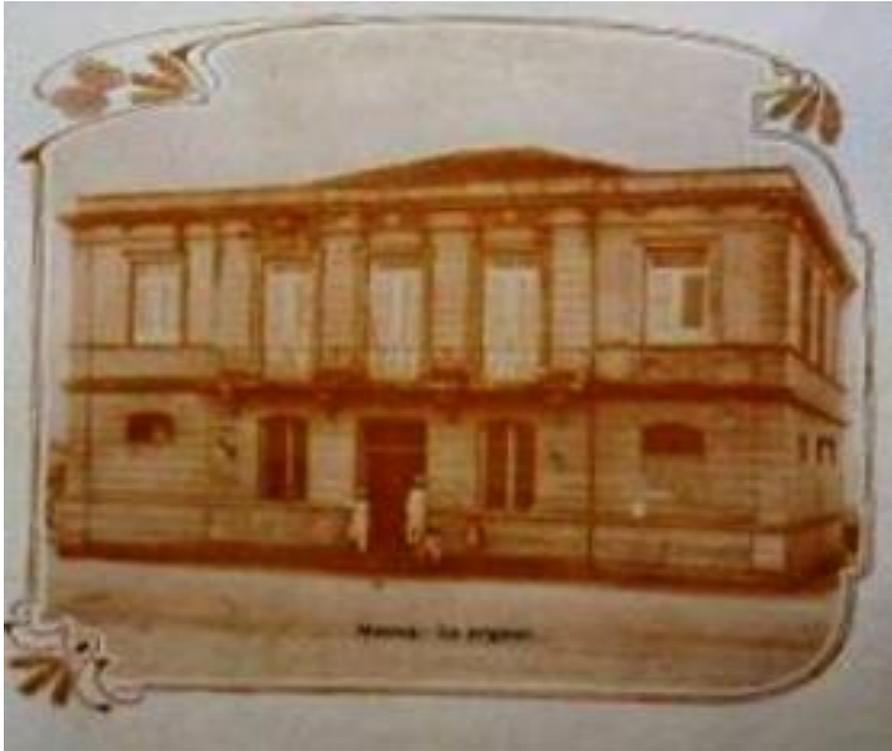
Fonte: “*Il Brasile e gli italiani*”. Acervo Museu Histórico e Pedagógico “Marquês de Três Rios” (Legenda original).

Foto 3: A Catedral



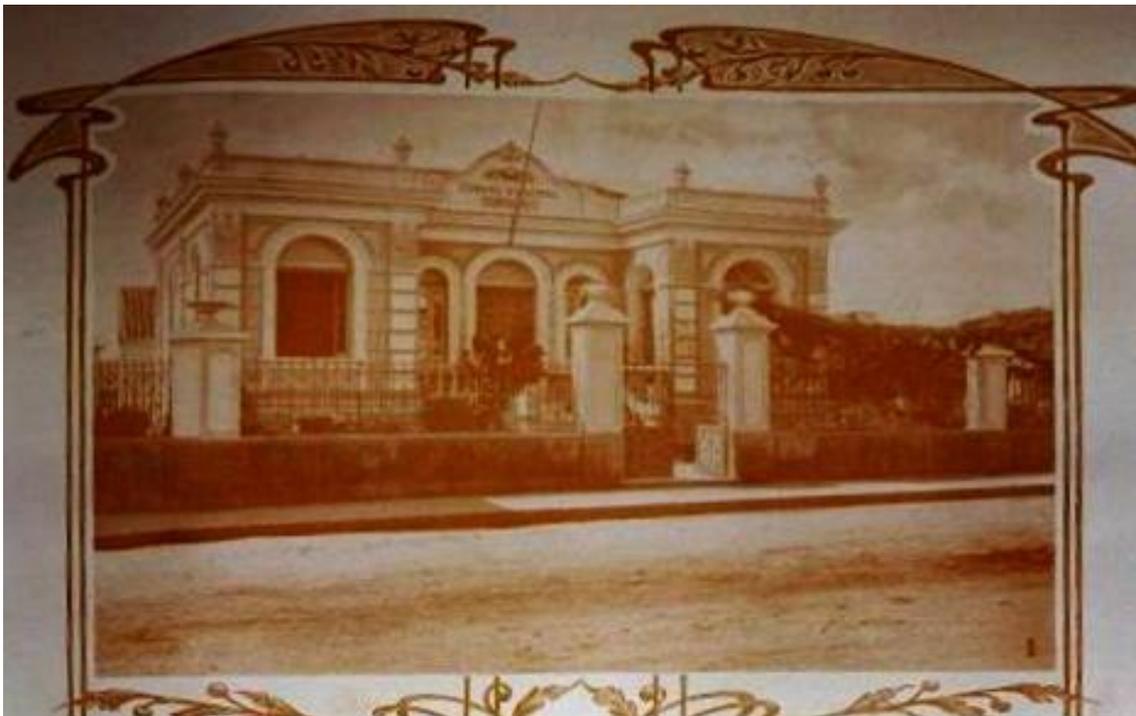
Fonte: “*Il Brasile e gli italiani*”. Acervo Museu Histórico e Pedagógico “Marquês de Três Rios” (Legenda original).

Foto 4: A Prisão



Fonte: “*Il Brasile e gli italiani*”. Acervo Museu Histórico e Pedagógico “Marquês de Três Rios” (Legenda original).

Foto 5: O Palácio da Câmara Municipal



Fonte: “*Il Brasile e gli italiani*”. Acervo Museu Histórico e Pedagógico “Marquês de Três Rios” (Legenda original).

Foto 6: O Mercado Municipal



Fonte: “*Il Brasile e gli italiani*”. Acervo Museu Histórico e Pedagógico “Marquês de Três Rios” (Legenda original).

A diversidade de serviços prestados por comerciantes locais, com destaque para o prédio do Hotel Terraço, casas de créditos e até mesmo bancos, como o Banco do Comércio e Indústria S.A, com sede em Mococa e filial em São José do Rio Pardo, também fazem parte desse conjunto de imagens.

Os retratos completam esse grupo: são 4 no total e 3 deles representam os membros das elites locais: o coronel Figueiredo, os diretores do Banco do Comércio e Indústria S.A e uma foto em estúdio dos comerciantes irmãos Brisighello. A banda de música regida por um maestro italiano é registrada em outra fotografia.

A necessidade de ser fotografado já fazia parte dos hábitos das famílias tradicionais mocoquenses, que frequentavam os primeiros ateliês fotográficos de São Paulo e Campinas. Nesse momento em que a fotografia era uma novidade, as “imagens destacáveis” se associavam ao poder pessoal de seus personagens (GUNNING, 2001, p. 39-80). Em 1896, o ateliê de “Photographia Luso Allemã” se instala na cidade, atraída pelo público consumidor crescente. Juntamente com os trabalhadores italianos, também chegam à cidade os fotógrafos, como Antônio Zicardi e Delphino Bonora, que registraram

alguns ângulos das transformações ocorridas na cidade e da sociabilidade local. Um anúncio de determinado ateliê em 1909, aponta para o aprimoramento e difusão das técnicas fotográficas neste meio:

Esta bem montada photographia, possuindo aparelhos os mais modernos e aperfeiçoados, executa com prontidão e nitidez, toda e qualquer qualidade de retrato em platina, sépia, porcelana, ferro-prussiana, photo miniatura e fotografias coloridas [...]. Comunica-se as respeitáveis famílias que neste Atelier há uma sala reservada, para descanso [sic]. Trabalhos artísticos com apurada perfeição. O proprietario desta bem montada casa, para a confecção dos trabalhos, adquiriu diversas formas na Alemanha (*A Mococa*, Ano XIV, n°702, 19/12/1909).

A rapidez na execução, a produção em série e os “preços módicos”, destacados no anúncio, indicam uma possibilidade de ampliação de acesso à fotografia, antes restrita às elites. Nesse período, a fotografia estimulava a necessidade de se diferenciar frente à multidão, conferindo ao retratado o status de indivíduo urbano.

A presença dominante dos homens nas fotografias analisadas, sempre associados ao ambiente de trabalho e aos empreendimentos, parece reafirmar o papel dos chamados beneméritos e dos membros da colônia italiana na condução da modernização da cidade. São retratados os ambientes internos de alguns estabelecimentos, destacando a variedade de produtos ofertados com seus proprietários sempre a frente dos balcões ou dos edifícios. No caso do banco, seus diretores foram fotografados em um escritório (em segundo plano), todos a frente da mesa (primeiro plano), com trajes elegantes e aspecto de empresários citadinos. A imagem, ou melhor, mensagem fotográfica, recortada do contexto vivido, evidencia o estilo de vida urbano e o poder desses homens, tornando-os símbolos de uma sociedade harmoniosa e bem-sucedida (MAUAD, 2005, p. 133-174).

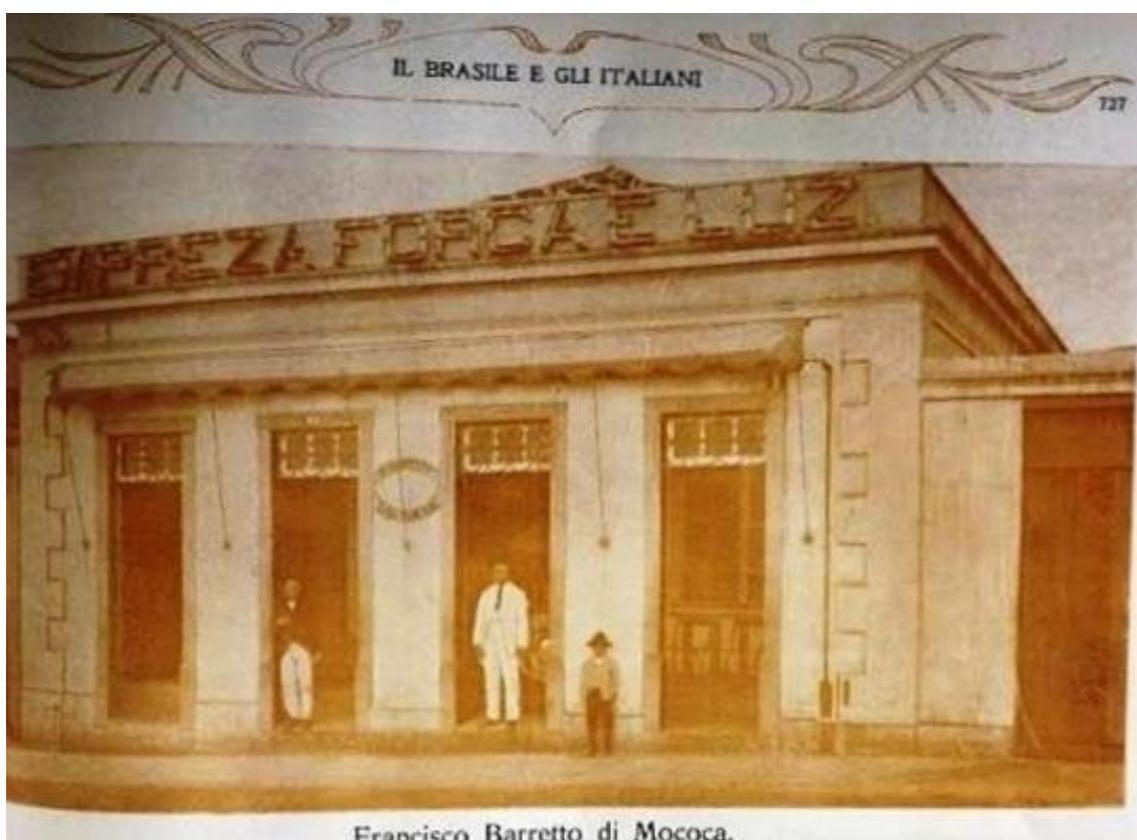
A relação imagem-texto: reforçando símbolos

Do mesmo modo que as imagens podem ser encaradas como uma tentativa de criar, e mesmo institucionalizar, um imaginário da cidade por meio de determinados ícones, o texto que acompanha tais imagens reforça a importância de alguns personagens nesse processo, também associados às virtudes do progresso. Nesse sentido, além da página dedicada ao coronel citada anteriormente, também chama a atenção a fotografia que retrata a Companhia de iluminação elétrica local. A imagem é uma vista pontual do prédio da companhia com dois homens e um menino a frente. Na fachada do edifício, vemos um

letreiro cheio de lâmpadas onde se lê “Companhia de Força e Luz”. A legenda completa: “Francisco Barretto de Mococa”, que acreditamos ser o homem de terno branco e postura mais imponente.

O texto informa se tratar de um brasileiro de Mococa, que tem grandes negócios na cidade e é gerente da Companhia Força e Luz, “a que se deve não pouca parte no renovamento da cidade, iluminada completamente”, com fornecimento de energia para vários estabelecimentos industriais. O texto afirma, ainda, ser este um “homem inteligente, jovem e culto” com ativa participação na vida política do país, membro do diretório (PRP) e que gozava de muita simpatia entre os italianos.

Foto 7: Francisco Barretto de Mococa



Fonte: “*Il Brasile e gli italiani*”. Acervo Museu Histórico e Pedagógico “Marquês de Três Rios” (Legenda original).

A imagem acompanhada da legenda é compreensível por si só, mas o artifício do pequeno texto abre novas possibilidades de leitura e interpretação da mesma de acordo com seu conteúdo. Se pensarmos na relação texto e imagem, sem a pretensão de entendermos como os leitores interagiram um com o outro no processo de leitura, podemos dizer que há uma primazia inicial da imagem, que aparece primeiro e em tamanho maior. Contudo, após a leitura do texto, percebemos que seu conteúdo atua em

colaboração com a imagem construindo um discurso único (VAN DER LINDEN, 2011). A função de amplificação do texto com relação a imagem também ocorre, na medida em que suas informações trazem novos detalhes sobre a companhia de energia e o personagem em questão e sugere a importância desse empreendimento.

Os sócios da companhia, composta por fazendeiros da cidade, figuravam também nas páginas da imprensa como empreendedores de primeira grandeza. A eletricidade, na verdade cara e restrita a poucos, aparece como uma grande dádiva oferecida ao povo pela administração local, fortalecendo ainda mais a imagem dos políticos e fazendeiros como agentes legítimos da modernidade (*A Mococa*, Ano X, n° 472, 18/11/1905).

De maneira geral, em todas as páginas que combinam textos e imagens sobre Mococa este foi o padrão predominante na relação entre estas duas linguagens. O único caso que fugiu ao padrão foi o da foto que mostra os irmãos Brisighello, enquanto o texto trata especificamente de sua fábrica de macarrão, sugerindo uma relação de contraponto. As fotografias capturaram uma cidade ainda pacata, experimentando o início do processo de urbanização fomentado pelos lucros obtidos com a cultura cafeeira. Os principais símbolos da nova vida urbana que se almejava estavam em construção: os teatros, o cinema e o imponente conjunto arquitetônico da praça principal. No entanto, a seu modo, a cidade vivencia um processo de construção imagética dialogando com as referências e experiências urbanas das grandes cidades do período (MENDES, 2004, p. 381-487).

O registro fotográfico e sua ligação com a construção do centro urbano moderno despertariam cada vez mais interesse, como indica esta nota de jornal, do ano de 1908, intitulada “Um Album”:

Os conhecidos moços srs. Pedro Volpone e Arthur Tricario, que nas horas de lazer se entregam com proveito e gosto à arte photographica, nutrem, ao que se dignaram informar-nos, a feliz idea de organização de um álbum, contendo 200 photographias das propriedades agrícolas e sítios pitorescos do nosso município, bem como dos principaes edifícios e casas comerciais da cidade e uma vista geral desta em tela de 20 por 80. [...] O projectado álbum conterà, além disso, uma bem cuidada parte literária, em que será feito o histórico de Mococa, desde sua fundação até nossos dias, acompanhando o movimento evolutivo de seu progresso. Como se vê, a ideia é excellente e, posta em prática, servirá, além do mais, como elemento de propaganda a favor do nosso município[...] (*A Mococa*, 05/07/1908, ano XII, n° .622).

Embora não tenham sido encontradas evidências da publicação deste álbum, é possível notar a proliferação de imagens da cidade em veículos de imprensa oficiais, como o jornal “O Progresso de São Paulo” de 1929, jornais locais como “A Mococa” e

até mesmo em relatórios oficiais da administração municipal, como o detalhado “Livro de Inspeção Sanitária” de 1922, sem mencionar as imagens avulsas e postais encontrados nos acervos locais. Vemos aí, a importância de refletirmos sobre as condições específicas da emergência de uma cultura baseada em imagens e “simulacros de consumo” que surgia a partir do século XIX, e a contribuição da análise do sentido visual para acompanharmos as transformações em curso (CARVALHO, 1997).

Cientes de que a realidade retratada pela câmera pode ocultar mais do que revelar (SONTAG, 2004), ressaltamos a impossibilidade de se falar em uma modernização generalizada, uma vez que as cenas “fora de foco”, como as ruas enlameadas da periferia, as dificuldades materiais dos trabalhadores e a prática do favorecimento sustentada pelas elites, emergem do cruzamento das informações. Ao refazermos o percurso da leitura do álbum, a presença da paisagem rural, das fazendas de café e da mão de obra imigrante, bem como dos ramos de café que ornamentam muitas fotografias, se misturam às imagens e textos que buscam destacar a urbanização. O mundo rural capturado pelas lentes se mostra também ligado ao dinamismo da economia capitalista e os fazendeiros do café são os mesmos “novos” homens urbanos e governantes, que, sem abrirem mão de antigas práticas políticas, idealizavam os novos centros urbanos. Após essa análise, fica a sensação de que o álbum, que desejou ser uma narrativa única, deixa entrever a complexidade dessa experiência urbana, que dialoga com tendências e simbologias modernas e está profundamente entrelaçada com o mundo rural.

Referências

- A *Mococa*. Mococa: Museu Histórico e Pedagógico “Marquês De Três Rios” (Anos 1896-1910).
- ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. Do gráfico ao fotográfico: a presença da fotografia nos impressos. In: CARDOSO, Rafael (Org.) *O Design Brasileiro antes do Design*. Aspectos da história gráfica, 1870-1960. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2005.
- BARTHES, Roland. *O Óbvio e o Obtuso*. Lisboa, Edições 70, 1984.
- “*Il Brasile e gli italiani*”. Fanfulla. Gênova: Tipografia Della S. A. I. G. A., 1906.
- MUSEU HISTÓRICO E PEDAGÓGICO “MARQUÊS DE TRÊS RIOS”.
- KOSSOY, Boris. *Os Tempos da fotografia*. O efêmero e o perpétuo. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.
- LIMA, Solange Ferraz e CARVALHO, Vânia Carneiro de. *Fotografia e Cidade: da razão urbana à lógica de consumo*. Álbuns de São Paulo (1887-1954). Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: FAPESP, 1997.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra. Morfologia das cidades brasileiras. Introdução ao estudo histórico da iconografia urbana. *Revista USP*. Número 30, junho/agosto de 1996, pp.144-155.

_____. Fontes Visuais, Cultura Visual, História Visual: balanço provisório, propostas cautelares. In: *Revista Brasileira de História*. Volume 23, número 45. São Paulo: ANPUH, 2003. Pp. 11-36. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01882003000100002>. Acesso em: 12 de nov. de 2010.

PESAVENTO, Sandra. Jatahy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano*. Paris. Rio de Janeiro. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 1999.

POSSAMAI, Zita Rosane. Fotografia, história e vistas urbanas. *História* (São Paulo), v.27, n.2, Franca, 2008.

SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

VAN DER LINDEN, Sophie. *Para ler o livro ilustrado*. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2011.

Notas

¹ KOSSOY, Boris. *Os Tempos da fotografia*. O efêmero e o perpétuo. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007, p.31.

² Situada no Vale do Rio Pardo, ao norte da cidade de São Paulo, Mococa faz divisa com o estado de Minas Gerais, sendo seus principais rios o Pardo e o Canoas. Foi elevada à categoria de Freguesia em 1856, pertencendo a Vila de Casa Branca, distrito de Mogi-Mirim. Em 1875, a pequena “Vila de São Sebastião da Boa Vista” foi reconhecida como cidade. Por volta de 1870, o café já aparece como uma significativa fonte de renda, atraindo imigrantes estrangeiros e migrantes de vários estados brasileiros. Em 1901, haviam 128 propriedades dedicadas ao cultivo do café. In: QUEIROZ, Humberto de. *Mococa de sua formação até 1900*. São Paulo: Tipografia do Diário Oficial, 1902.

³ Na obra de Monteiro Lobato, a “onda verde” se refere ao café que, como uma onda, a partir do Rio de Janeiro, espalhou-se por todo o estado de São Paulo, mostrando-se decisivo para o progresso da economia do país. In: LOBATO, José Bento M. *A Onda Verde e o Presidente Negro*. São Paulo: Brasiliense, 1957.

⁴ Este método de análise foi desenvolvido por Solange Ferraz de Lima e Vânia Carneiro de Carvalho agregando mais uma contribuição para o estudo das fotografias na história: padrões temático-visuais. Para o mapeamento das características visuais das fotografias em estudo, as imagens receberam tratamento individual, sendo arrolados tanto seus atributos formais como icônicos; o resultado foi o desenvolvimento de um “conjunto de termos descritivos que foram sistematizados na forma de um vocabulário controlado. LIMA, Solange Ferraz de e CARVALHO, Vânia Carneiro de. *Fotografia e Cidade: da razão urbana à lógica de consumo*. Álbuns de São Paulo (1887-1954). Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: FAPESP, 1997. p.30.

⁵ A fotografia da igreja matriz reproduzida no álbum, por exemplo, faz parte do acervo do Museu Histórico e Pedagógico “Marquês de Três Rios”.

Artigo recebido em: 25/03/2014. Aprovado em: 22/06/2014.